

## ARTIGO ORIGINAL

# PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Eduardo Solano Pina dos Santos<sup>1</sup>, Camilla Moreira Andrade<sup>2</sup>, Elena Bohomol<sup>3</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** conhecer a prevalência, classes medicamentosas e principais motivos para a prática da automedicação entre os estudantes de ensino médio.

**Método:** estudo transversal descritivo, com 130 estudantes de uma escola estadual do município de São Paulo. Utilizou-se estatística descritiva, testes paramétricos e não paramétricos para análise de dados.

**Resultados:** as estudantes apresentaram idade entre 14 e 20 anos, 91 (70%) eram do sexo feminino e 112 (86,2%) praticaram a automedicação. Destes, 75 (67%) utilizaram para alívio de dores, 18 (16,1%) referiram ter tido reações adversas e a classe medicamentosa predominante foi a dos analgésicos com 147 (59,2%) menções. O fácil acesso do produto nas farmácias foi o principal motivo apontado por 49 (43,7%) participantes.

**Conclusão:** destaca-se a importância da educação como meio de levar informações aos estudantes e familiares, visando desestimular a prática da automedicação nesta faixa populacional.

**DESCRITORES:** Automedicação; Estudantes; Ensino Fundamental e Médio; Uso de Medicamentos; Educação em Saúde.


### COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO:

Santos ESP dos, Andrade CM, Bohomol E. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. Cogitare enferm. [Internet]. 2019 [acesso em "colocar data de acesso, dia, mês abreviado e ano"]; 24. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup>Discente do Ensino Médio. Escola Estadual Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo. São Paulo, SP, Brasil. 

<sup>2</sup>Enfermeira. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. 

<sup>3</sup>Enfermeira. Livre-Docente em Enfermagem. Docente da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. 

## SELF-MEDICATION AMONG SECONDARY SCHOOL STUDENTS

### ABSTRACT

*Objective: To gather data about the prevalence, drug classes, and main reasons for self-medication among secondary school students.*

*Method: This was a descriptive cross-sectional study with 130 students from a state school in the municipality of São Paulo. Descriptive statistics, parametric, and nonparametric tests were used to analyze the data.*

*Results: Students were between 13 and 20 years old, 91 (70%) were female and 112 (86.2%) practiced self-medication. Of these, 75 (67%) used medication for pain relief, 18 (16.1%) reported adverse reactions, and the most predominant drug class was pain relief medications, with 147 (59.2) mentions. Easy access to these products in drugstores was the main reason given by 49 (43.7%) participants.*

*Conclusion: Education is important to deliver information to students and family members to discourage self-medication among this segment of the population.*

**DESCRIPTORS:** Self-medication; Students; Education, Primary and Secondary; Medication Utilization; Health Education.

## PRÁCTICA DE LA AUTOMEDICACIÓN ENTRE ESTUDIANTES DE ENSEÑANZA MEDIA

### RESUMEN

*Objetivo: Conocer la prevalencia, las clases medicamentosas y los principales motivos para la práctica de la automedicación entre estudiantes de enseñanza media.*

*Método: Estudio transversal, descriptivo, realizado con 130 estudiantes de una escuela estatal del municipio de São Paulo. Se utilizó estadística descriptiva, tests paramétricos y no paramétricos para el análisis de datos.*

*Resultados: Los estudiantes tenían edad de entre 14 y 20 años; 91 (70% eran de sexo femenino; 112 (86,2%) refirieron automedicarse. De ellos, 75 (67%) utilizaron medicación para aliviar dolor, 18 (16,1%) informaron haber sufrido reacciones adversas. La clase medicamentosa predominante fue la de analgésicos, con 147 (59,2%) menciones. El fácil acceso al producto en farmacias fue el principal motivo expresado por 49 (43,7%) participantes.*

*Conclusión: Se resalta la importancia de la educación como factor para difundir información entre estudiantes y familiares, apuntando a disminuir la práctica de la automedicación en esta faja poblacional.*

**DESCRIPTORES:** Automedicación; Estudiantes; Educación Primaria y Secundaria; Utilización de Medicamentos; Educación en Salud.

## INTRODUÇÃO

A automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas para tratar doenças ou sintomas, independente da prescrição ou orientação médica<sup>(1)</sup>. É uma prática comum e vem sendo discutida em todo o mundo, inclusive no Brasil com cerca de 80 milhões de pessoas que a praticam<sup>(2)</sup>.

Muitos medicamentos prescritos são dispensados ou vendidos de forma inadequada; parte importante da população mundial tem carência no acesso a medicamentos essenciais e em todo mundo há um número expressivo de pacientes que tomam medicamentos de forma incorreta, indo na contramão do que a Organização Mundial de Saúde orienta em relação ao uso racional de medicamentos (URM). Entende-se que há URM quando as pessoas recebem a terapêutica medicamentosa acertada às suas necessidades clínicas, considerando suas particularidades individuais, em dose e período de tempo adequado e com baixo custo para elas e comunidade<sup>(3)</sup>.

No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tem regulamentações para a venda e propaganda de produtos que podem ser adquiridos sem prescrição. No entanto, a prática da automedicação é vista como fenômeno complexo, uma vez que perpassa pela dificuldade de acesso às redes básicas de saúde, falta de informações sobre produtos, necessidade de alívio dos incômodos que atingem a pessoa, facilidade de acesso em estabelecimentos farmacêuticos, compartilhamento dos medicamentos com familiares ou pessoas próximas, propagandas que maximizam benefícios e minimizam malefícios e outros riscos relacionados aos medicamentos. Estes são alguns dos motivos que levam as pessoas a realizarem esta prática<sup>(4-5)</sup>.

A automedicação, embora objetive o bem estar físico e mental de quem a utiliza, pode trazer resultados indesejáveis como o aumento de resistência bacteriana, hemorragia, alergia, intoxicação, doenças iatrogênicas, efeitos indesejáveis, mascaramento de doenças, dentre outros<sup>(6)</sup>. Estudos apontam que esta prática é adotada por vários estratos da sociedade, atinge pessoas de todas as faixas etárias e níveis educacionais, devendo a educação em saúde ser a estratégia impulsionadora para a promoção do URM a fim de capacitar o cidadão a estabelecer uma relação consciente sobre o uso de medicamentos<sup>(7)</sup>.

Poucos são os estudos que tratam da automedicação na adolescência, que é uma fase crucial no desenvolvimento humano, em que os jovens estão mais suscetíveis e vulneráveis aos comportamentos de risco, apresentam grandes transformações físicas, biológicas, emocionais, hormonais e sociais, que requerem atenção especial das autoridades sanitárias e educacionais na preservação de sua saúde<sup>(8-10)</sup>.

Ainda, fatores como a fuga da realidade, distanciamento da angústia, baixa tolerância ao sofrimento e exaltação do prazer momentâneo levam as pessoas a buscarem medidas ilusórias nos medicamentos, divulgados, muitos deles de modo subliminar, em propagandas e publicidades<sup>(11)</sup>. A prática da automedicação em adolescentes é concreta e alarmante e são necessárias políticas de saúde para que medidas de prevenção de danos e hábitos saudáveis sejam desenvolvidos<sup>(1,12)</sup>.

Para contribuir com a temática, este estudo tem por objetivo conhecer a prevalência, as classes dos medicamentos e os principais motivos para a prática da automedicação entre os estudantes de ensino médio.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal descritivo, com abordagem quantitativa, com uma população de 450 estudantes matriculados nas três séries do ensino médio de uma escola estadual do município de São Paulo. O método de amostragem foi não probabilístico, por conveniência e os critérios de inclusão adotados foram: estudantes matriculados e

cursando a matriz curricular no período da coleta de dados.

Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa, após serem explanados os objetivos e os preceitos éticos adotados, por meio de visitas em todas as séries que compõem o ensino médio. Além disto, os pesquisadores participaram das reuniões ordinárias dos pais e mestres para a apresentação do projeto, solicitando a anuência dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes menores de idade que concordaram participar deram sua anuência ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido depois de autorizados pelos pais. Aos participantes maiores de idade foi solicitada a concordância no TCLE.

Foi solicitado o preenchimento de um questionário semiestruturado contendo duas partes. A primeira com seis questões sobre informações pessoais e a segunda parte com 11 questões relacionadas à prática da automedicação. A coleta de dados de dados foi realizada entre fevereiro e abril de 2017.

Os dados foram compilados para uma planilha Excel e utilizou-se a estatística descritiva com o uso de médias e desvios-padrão para a análise. Além disto, foi aplicado o teste não paramétrico do qui-quadrado, o teste paramétrico t de student e análise de variância (ANOVA) para realizar comparações e testar associações entre variáveis. Foram distribuídos 259 questionários e retornaram 157, dos quais foram excluídos 27 porque não tinham a autorização dos responsáveis, perfazendo uma amostra de 130 (28,9%) pessoas.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo conforme parecer nº 0035.0035.01/2017.

## RESULTADOS

Participaram da pesquisa 130 estudantes, com idade entre 14 e 20 anos, média de 16,5 anos (d.p  $\pm$  0,5), sendo que 122 (93,8%) eram menores de idade. Verificou-se que 91 (70%) eram do sexo feminino e 39 (30%) do masculino, não havendo diferença significativa de idade entre os sexos ( $p=0,3115$ ). Participaram 58 (44,7%) estudantes do 1º ano, 50 (38,4%) do 2º ano e 22 (16,9%) do 3º ano. Verificou-se que 126 (96,9%) estudantes residem com os genitores e 39 (30,9%) residem em família monoparental, chefiada pela mãe.

Quanto ao grau de escolaridade do chefe da família 31 (23,8%) possuem o nível superior completo e 20 (15,4%) o ensino médio completo. Em relação ao acesso ao sistema de saúde 62 (47,7%) estudantes mencionaram possuir plano privado de saúde e 60 (46,2%) utilizam o Sistema Único de Saúde, sem apresentar diferença significativa ( $p=0,3097$ ).

Quanto à prática da automedicação, identificou-se que 112 (86,2%) estudantes a realizam, havendo predomínio estatisticamente significativo de indivíduos do sexo feminino ( $p<0,00001$ ). No entanto, não foi encontrada associação desta prática quanto ao ano de estudo ( $p=0,0535$ ) nem em relação ao tipo de acesso ao sistema de saúde ( $p=0,6916$ ).

Ao serem perguntados sobre as consequências da automedicação, 85 (75,9%) estudantes referiram não terem tido nenhuma, no entanto 18 (16,1%) sofreram reações adversas e quatro (3,6%) tiveram resistência bacteriana.

Foi solicitado que mencionassem o nome dos medicamentos que utilizam e 90 (80,4%) identificaram os nomes comerciais. Destes, verificou-se que 28 (31,1%) citaram um nome; 24 (26,6%) dois nomes; 19 (21,1%) três nomes e dois (2,3%) estudantes mencionaram sete nomes de medicamentos. A classe predominante dos medicamentos foi a dos analgésicos com 147 (59,2%) citações, seguida dos relaxantes musculares com 33 (13,3%) e antiespasmódicos com 25 (10,1%), conforme demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 – Classe dos medicamentos utilizados pelos estudantes para a prática de automedicação. São Paulo, SP, Brasil, 2017

Classe	n	%
Analgésicos	147	59,2
Relaxantes Musculares	33	13,3
Antiespasmódicos	25	10,1
Anti-histamínicos	8	3,2
Antimicrobianos	7	2,8
Antiasmáticos	4	1,6
Outros	24	9,7
Total	248	100

n>112 por possibilidade de mais de uma resposta.

Em relação ao recordatório 46 (41,1%) participantes mencionaram ter feito uso de algum medicamento nos últimos 15 dias e quando perguntados sobre a finalidade para o uso do medicamento, referiram que era para alívio de dores em 75 (67%) respostas e 29 (38,6%) estudantes mencionaram especificamente dores de cabeça.

A Tabela 2 apresenta os principais motivos que levaram os estudantes a praticarem a automedicação e 49 (43,7%) participantes citaram o fácil acesso do produto nas farmácias em e 39 (34,9%) a tentativa de alívio rápido e imediato da dor. Foi solicitado que identificassem com que frequência fazem a leitura da bula antes de utilizar o medicamento e 55 (49,1%) estudantes mencionaram fazê-lo “às vezes” e 25 (22,3%) “nunca”.

Tabela 2 – Motivos para a prática da automedicação. São Paulo, SP, Brasil, 2017

Motivos	n	%
Fácil acesso na farmácia	49	43,7
Tentativa de alívio rápido e imediato da dor	39	34,9
Praticidade e comodidade	13	11,6
Autoconfiança	7	6,2
Leitura da bula	2	1,8
Confiança em sua fonte de informação	1	0,9
Falta de tempo de ir ao médico	1	0,9
Total	112	100

Quanto aos fatores intervenientes para o uso da automedicação, a mãe é a maior razão para influenciar a prática em 39 (34,8%) respostas, seguida da orientação do balconista da farmácia com 25 (22,2%) menções, discriminados na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores intervenientes para a prática da automedicação. São Paulo, SP, Brasil, 2017

Fatores	n	%
Mãe	39	34,8
Balconista da farmácia	25	22,2
Próprio conhecimento	18	16,1
Prescrição antiga	12	10,7
Propaganda	8	7,4
Amigos	7	6,2
Familiares	3	2,6
Total	112	100

Dentre os que praticam a automedicação, 80 (71,4%) estiveram em consulta médica nos últimos 12 meses e 64 (57,1%) referiram não aconselhar outras ou sugerir medicamentos a serem utilizados.

## DISCUSSÃO

No presente estudo, os resultados confirmam a alta prevalência da automedicação como prática frequente entre os adolescentes, indo ao encontro de investigações que revelam preocupação com o tema para esta faixa etária, indicando que o uso de medicamentos sem prescrição é elevado<sup>(1,13)</sup>.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública e ao se analisar estudos sobre a prática em estudantes de escolas particulares e públicas, as conclusões sugerem que não há diferenças entre os tipos de escolas, confirmando que é uma prática real e preocupante, independente do modelo escolar<sup>(1)</sup>.

Na amostra estudada, os participantes do sexo feminino foram predominantes no uso desta prática. Corrobora com este achado um estudo sobre automedicação com diferentes faixas etárias em que demonstra que as mulheres são as que mais se automedicam<sup>(12)</sup>.

Os achados referentes ao nível de escolaridade do chefe da família se aproximam dos resultados de um estudo sobre automedicação em estudantes de ensino médio<sup>(12)</sup>. No entanto, não é possível afirmar o quanto pessoas com maior escolaridade influenciam no estabelecimento de hábitos saudáveis nos jovens, para promover intervenções e estratégias de prevenção à automedicação. Sabe-se, contudo, que esta prática é verificada em pessoas de todos os níveis de escolaridade, sendo um exemplo, inclusive, fácil de ser seguido pelos participantes do núcleo familiar<sup>(6,14)</sup>.

Quanto ao serviço de saúde utilizado, essa investigação não encontrou diferença significativa em relação ao acesso aos serviços de saúde, convergindo com dados de um estudo brasileiro que discute que as condições socioeconômicas podem influenciar nesta decisão<sup>(12)</sup>.

Do contingente de respostas dadas relacionadas às consequências pelo uso da automedicação, verificou-se que a maioria relatou não ter tido nenhuma e alguns tiveram reações adversas e resistência bacteriana. Ao se comparar com estudo realizado majoritariamente com adolescentes em uma instituição de ensino de Minas Gerais, os participantes relataram não ter tido nenhuma reação em 178 (95,2%) respostas. Mesmo que o número de interações indesejadas referidas pelos participantes seja relativamente



pequeno, os autores apontaram que 97 (51,9%) deles não sabiam se os medicamentos utilizados poderiam ou não lhe causar algum problema, destacando assim o inadequado conhecimento sobre os efeitos indesejados de um medicamento<sup>(1)</sup>.

Todavia, o risco em desenvolver interação medicamentosa aumenta com o maior número de medicamentos consumidos, como o relatado pelos estudantes nessa pesquisa, em que a maioria utilizou mais que um medicamento. Além disso, há o risco de efeitos indesejados pela associação de fármacos, uma vez que nenhuma substância farmacologicamente ativa é inócua ao organismo. Há reações adversas que podem causar consequências sérias ou letais quando do uso de fármacos com potencial de risco maior, como anticoagulantes; ou de perder sua eficácia, como o uso de corticosteroides, ou ainda o de causar resistência bacteriana, como o uso de antibióticos<sup>(13,15)</sup>.

Por conseguinte, é necessária atenção especial para a prática da automedicação nessa população, uma vez que são jovens em fase de mudanças e muitos podem apresentar comportamentos de risco, como o uso de álcool e drogas que associados ao uso de medicamentos, como os psicoestimulantes, expõem o indivíduo, tornando-o mais vulnerável em relação à sua saúde<sup>(16)</sup>.

Considerando as classes dos medicamentos, a de analgésicos foi a principal, seguida dos relaxantes musculares e antiespasmódicos. Estes achados encontram ressonância com estudos sobre automedicação em que a classe de analgésicos foi a de maior predomínio<sup>(2,6,13)</sup>, seguida da classe de relaxantes musculares<sup>(13)</sup>.

Os participantes relataram que a finalidade para o uso dos medicamentos é o alívio da dor e tal sintoma pode estar relacionado a fatores ambientais como tensão, estresse ou demanda física, implicando na qualidade de vida destes jovens. Além disso, os resultados podem ter sido influenciados pelo fato do maior contingente da amostra ser mulher e adolescente que busca analgésicos, relaxantes musculares e antiespasmódicos para o alívio da dor no período menstrual<sup>(1)</sup>.

Todavia, estudos sugerem que há necessidade de se refletir sobre a dor e pensar sobre sua origem para cada pessoa. A dor pode ter uma relação íntima com a subjetividade da pessoa, por conseguinte não se deve ater apenas na busca de soluções de base intelectual e informativa para o desconforto orgânico<sup>(11)</sup>. O uso abusivo dos analgésicos pode causar distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos renais, além de levar à cronificação da cefaleia, forte razão pela qual os participantes relataram fazer uso deste tipo de medicamentos<sup>(2,13)</sup>.

Ao se analisar as variáveis “classe de medicamentos” e “finalidade do uso”, sugere-se que novos estudos sobre o uso elevado de analgésicos entre os jovens sejam realizados, visto que estes medicamentos são facilmente encontrados nos domicílios e estão acessíveis nos estabelecimentos farmacêuticos. Embora sejam drogas de abrangência lícita, estudos com adolescentes apontam que o consumo de analgésico, álcool e tabaco são bastante frequentes, como forma de encorajar o enfrentamento de problemas nas áreas de lazer, recreação e competência social e que podem servir de porta de entrada para o consumo de outras drogas<sup>(10)</sup>.

O fácil acesso na farmácia foi o motivo principal para a prática da automedicação, demonstrando que os profissionais que atuam neste tipo estabelecimento, principalmente os farmacêuticos, têm importante papel na orientação do uso dos fármacos no que concerne a reações alérgicas; efeitos adversos e colaterais; interações medicamentosas com outras substâncias, como álcool e drogas; orientações e esclarecimentos das informações contidas na bula mesmo que estes fármacos apresentem relativa segurança. A atenção farmacêutica é uma importante estratégia para o URM, uma vez que há carência de informação em todos os segmentos da população<sup>(17)</sup>.

No presente estudo, a mãe foi apontada como a principal responsável por orientar a prática da automedicação. Estudos apresentam inúmeras justificativas que levam a mãe a orientar a automedicação para seus filhos, dentre elas o costume de automedicar-se;

ter o medicamento em casa; aproveitamento de receitas; orientação de farmacêutico; praticidade; alívio dos sintomas; angústia e preocupação em ver a criança ou jovem com algum sintoma indesejável. Contudo, a prática no ambiente familiar pode influenciar a atitude do adolescente frente ao seu cuidado de saúde e o uso da automedicação<sup>(2,4,10)</sup>.

Verificou-se ainda que a maioria dos jovens realizou consulta médica nos últimos 12 meses, demonstrando atenção em relação à saúde, diferente de um estudo que apresentou as dificuldades no acesso aos serviços médicos constituindo uma prerrogativa para a prática da automedicação<sup>(12)</sup>.

A educação dos estudantes é de fundamental importância para estabelecer uma relação consciente com o medicamento, incentivando o autocuidado como meio de prevenção de doenças, promoção de saúde e qualidade de vida<sup>(7)</sup>. Estratégias voltadas para promover o acesso aos serviços de saúde, integralidade do cuidado, articulando políticas de saúde e de educação, fazem parte do Programa Saúde na Escola, do Ministério da Saúde, e reforçam a importância de atender a comunidade escolar com ações de promoção da saúde<sup>(18)</sup>.

Reforça-se, ainda, a importância da atenção profissional durante a consulta, seja da área médica, de enfermagem ou farmacêutica, que deve envolver informações a respeito dos medicamentos, seus benefícios e malefícios, não somente daqueles que são prescritos como também os que são utilizados eventualmente, de modo a promover o conhecimento para estimular o consumo consciente na população.

Estudo realizado com integrantes da equipe multiprofissional demonstra a necessidade de promover ações específicas para o alcance desta população na atenção primária, visto que existem diversos programas, porém, o alcance é restrito devido à descontinuidade no trabalho, ausência de apoio da rede, inconveniência de horários e dificuldades de conquistar os adolescentes. Destaca-se, portanto, a importância de promover a integração entre a saúde e a educação como estratégia para ampliar o cuidado ao adolescente fora das instituições próprias de saúde<sup>(19)</sup>.

Algumas limitações devem ser consideradas: o questionário está sujeito a vieses nem sempre passíveis de controle, por exemplo, a compreensão do que são as interações medicamentosas ou intervalo temporal referente ao recordatório, por exemplo. Também, a utilização de uma amostra não probabilística pode levar a viés. Portanto, a amostra estudada representa os dados de uma única instituição, não permitindo generalizações.

Contudo, a temática pode ser objeto de novas pesquisas ao se relacionar a prática da automedicação com sintomas de estresse, uso de álcool e drogas, além dos resultados de melhoria da saúde relacionados aos Programas de Saúde na Escola, orientados para esta população.

## CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível concluir que a prática de automedicação entre adolescentes tem alta prevalência. As classes predominantes dos medicamentos utilizados foram os analgésicos, relaxantes musculares e antiespasmódicos. Os principais motivos que levaram os estudantes a praticarem a automedicação foi o fácil acesso do produto nas farmácias e a tentativa de alívio rápido e imediato da dor.

Destaca-se, portanto, a importância da atenção multiprofissional durante uma consulta com profissionais da área médica, de enfermagem ou farmacêutica, com informações a respeito dos medicamentos, seus benefícios e riscos, de modo a desestimular a prática nesta faixa populacional.



## REFERÊNCIAS

1. Matos JF, Pena DAC, Parreira MP, Santos T do C dos, Coura-Vital W. Prevalence, profile and factors associated with self-medication in adolescents and employees of a professionalizing public school. *Cad. Saude Colet.* [Internet]. 2018 [acesso em 04 out 2018]; 26(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>.
2. Cruz MJB, Dourado LFN, Bodevan EC, Andrade RA, Santos DF. Medication use among children 0-14 years old: population baseline study. *J Pediatr.* [Internet]. 2014 [acesso em 08 jan 2017]; 90(6). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.03.004>.
3. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Organização Mundial da Saúde (OMS). Representação Brasil. Uso racional de medicamentos: fundamentação em condutas terapêuticas e nos macroprocessos da assistência farmacêutica [Internet] Brasília: OPAS/OMS; 2015 [acesso em 15 dez 2016]. Disponível em: [http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1518-apresentacao-8&category\\_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1518-apresentacao-8&category_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965).
4. Telles Filho PCP, Pereira Júnior A do C. Self-medication in children from zero to five years: farmacos managed, knowledge, statement and background. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2013 [acesso em 09 nov 2016]; 17(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000200013>.
5. Halila GC, Czepula AI dos S, Otuki MF, Correr CJ. Review of the efficacy and safety of over-the-counter medicine. *Braz. J. Pharm. Sci.* [Internet]. 2015 [acesso em 02 out 2016]; 51(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-82502015000200018>.
6. Araújo AL de, Areda CA, Silva EV da, Meiners MMM de A, Galato D. Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. *Rev. Bras. Farm.* [Internet]. 2015 [acesso em 05 dez 2016]; 96(2). Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/699--Estudos-brasileiros-sobre-automedicacao--uma--analise-da-literatura---Formatado---Review-1178---1201.pdf>.
7. Palodeto MFT, Fischer ML. A representação da medicação sob a perspectiva da bioética. *Saude soc.* [Internet]. 2018 [acesso em 18 fev 2017]; 27(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170831>.
8. Frank R, Claumann GS, Felden EPG, Silva DAS, Pelegrini A. Body weight perception and body weight control behaviors in adolescents. *J. Pediatr.* [Internet]. 2018 [acesso em 04 out 2018]; 94(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpedp.2017.08.018>.
9. Korn L, Bonny-Noach H. Gender differences in deviance and health risk behaviors among young-adults undergraduate students. *Subst Use Misuse.* [Internet]. 2018 [acesso em 16 dez 2016]; 53(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10826084.2017.1323924>.
10. Ferreira SC, Machado RM. Equipe de saúde da família e o uso de drogas entre adolescentes. *Cogitare enferm.* [Internet]. 2013 [acesso em 09 nov 2016]; 18(3). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v18i3.33560>.
11. Carmo MM, Silva PJC. Uma solução mágica para a dor de viver: reflexões psicanalíticas sobre o consumo de analgésicos. *Rev. Latinoam. psicopat. fundam.* [Internet]. 2013 [acesso em 10 nov 2016]; 16(2). Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142013000200009>.
12. Pardo IMCG, Jozala DR, Carioca AL, Nascimento SRD, Santucci VCR. Automedicação: prática frequente na adolescência? Estudo em uma amostra de estudantes do ensino médio de Sorocaba. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba.* [Internet]. 2013 [acesso em 02 out 2016]; 15(2). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/10399>.
13. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzo T da SD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev. Saúde Públ.* [Internet]. 2016 [acesso em 03 out 2016]; 50(Suppl 2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006117>.
14. Silva LA de F, Rodrigues AM de S. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev.*

- Bras. Farm. [Internet]. 2014 [acesso em 15 dez 2016]; 95(3). Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>.
15. Braoios A, Pereira ACS, Bizerra AA, Policarpo OF, Soares NC, Barbosa A de S. Uso de antimicrobianos pela população da cidade de Jataí (GO), Brasil. Ciênc. saúde coletiva. [Internet]. 2013 [acesso em 09 jan 2017]; 18(10). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000030>.
16. Smith TE, DeSantis AD, Martel MM. Gender differences in nonprescribed psychostimulant use in young adults. Subst Use Misuse. [Internet]. 2017 [acesso em 04 out 2018]; 53(4). Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10826084.2017.1355384>.
17. Costa KS, Tavares NUL, Nascimento Júnior JM do, Mengue SS, Álvares J, Guerra Junior AA, et al. Pharmaceutical services in the primary health care of the Brazilian Unified Health System: advances and challenges. Rev. Saúde Pública. [Internet]. 2017 [acesso em 04 out 2018]; 51(Suppl 2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2017051007146>.
18. Ministério da Saúde (BR). Programa Saúde na Escola. Caderno Temático: práticas corporais, atividade física e lazer. Versão preliminar. [Internet] Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [acesso em 10 jan 2019]. Disponível em: [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/caderno\\_praticas\\_corporais\\_atividade-fisica\\_lazer.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/caderno_praticas_corporais_atividade-fisica_lazer.pdf).
19. Queiroz MVO, Lucena NBF de, Brasil EGM, Gomes ILV. Care to adolescents in primary assistance: professionals' discourse about the focus of comprehensiveness. Rev RENE [Internet]. 2011 [acesso 10 jan 2019]; 12(n. esp). Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4447>.

Recebido: 02/09/2018

Finalizado: 17/06/2019

Autor Correspondente:

Elena Bohomol

Universidade Federal de São Paulo

R. Napoleão de Barros, 754 - 04024-002 - São Paulo, SP, Brasil

E-mail: ebohomol@unifesp.br

Contribuição dos autores:

Contribuições substanciais para a concepção ou desenho do estudo; ou a aquisição, análise ou interpretação de dados do estudo - ESPS, CMA, EB

Elaboração e revisão crítica do conteúdo intelectual do estudo - CMA, EB

Aprovação da versão final do estudo a ser publicado - EB

---